



POLITIZAÇÃO EM FREIRE NA ALFABETIZAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS DA COMUNIDADE VIVA DEUS¹

Jullyana Cristhina A. de Freitas

Graduanda no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – jualmeida_freitas@hotmail.com

Juliana Ferreira de Sousa

Graduanda no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – julianacereja10@gmail.com

Betânia Oliveira Barroso

Prof.^a Dr.^a no curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia
Universidade Federal do Maranhão (UFMA) – barroso636@hotmail.com

RESUMO

No cenário educacional, nota-se que a Educação de Jovens e Adultos é entendida como uma modalidade do ensino necessária para a inclusão social das pessoas que não tiveram acesso à alfabetização no momento considerado “correto”. Entretanto, tal pressuposto, nos leva a refletir sobre uma série de questões, como por exemplo, o fato de uma pessoa saber ler e escrever é suficiente para que ela seja inserida em espaços democráticos da sociedade e tenha consciência crítica ou é necessário que tenhamos presentes outras metodologias nesse processo de ensino e aprendizagem que vão para além do processo de decodificação? Partindo desse propósito, objetivamos refletir sobre essas questões e mostrar que o ensino de jovens e adultos não só deve alfabetizar, mas também politizar. A alfabetização e a politização devem andar sempre juntas, objetivando a emancipação humana. Nesse sentido, as experiências aqui relatadas partem do ensino, pesquisa e extensão vivida na comunidade Viva Deus, por meio do Projeto de Extensão “A formação de alfabetizadores (as) de jovens e adultos da zona rural de Imperatriz-MA: Projeto Comunidade Viva Deus”, que consiste em formar alfabetizadores (as) da própria Comunidade, bem como a alfabetizar sujeitos Jovens e Adultos, ainda não alfabetizados. O projeto em questão nos dá embasamento para o desenvolvimento do presente trabalho, sendo norteado pelo método freireano, e possui em seu cerne, o pressuposto de que a educação popular deve estar compromissada com a qualidade política do ensino para que haja possíveis transformações na estrutura social por meio das camadas populares, camadas essas que sempre foram subjugadas e sempre tiveram seus direitos historicamente negados, entre eles, o de estudar.

Palavras-chaves: Politização; Alfabetização de Jovens e Adultos; Comunidade Viva Deus.

INTRODUÇÃO

Historicamente, a educação brasileira, mesmo para as massas, sempre esteve vinculada ao pensamento hegemônico das elites, onde o ensino se torna extremamente excludente ao ser voltado para a estratificação e dominação social por parte da hegemonia exploradora e dominante, onde a educação popular para os povos indígenas, quilombolas, brancos, negros e mestiços não tinha espaço na sociedade. Tais fatos se fazem presentes desde o Brasil Império, onde o ensino era necessário apenas para

¹ O trabalho em questão é decorrente do Projeto de Extensão “A formação de alfabetizadores (as) de jovens e adultos da zona rural de Imperatriz-MA: Projeto Comunidade Viva Deus”, que consiste em formar alfabetizadores (as) da própria Comunidade, bem como a alfabetizar sujeitos Jovens e Adultos, ainda não alfabetizados, a partir do grupo de pesquisa, extensão e epistemologia da educação do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), campus Imperatriz.



alguns, enquanto outros não precisavam aprender por uma série de outros fatores. A dominação era feita por meio do controle do conhecimento. As elites é quem decidiam qual tipo de conhecimento poderia ser explorado, onde resultava numa dominação cultural, que infelizmente perdura até hoje.

Dessa forma, a classe dominante brasileira, desde o início - considera-se aqui o período do Brasil Império-, entendido como detentora do conhecimento, e, quem decide que tipo de conhecimento as massas populares devem ter acesso, mesmo que tal saber não seja significativo a elas. Entretanto, tal formação não possibilita ao jovem ou ao adulto, dependendo do contexto, ter acesso a outras questões do conhecimento que o tornariam um indivíduo emancipado. Assim, a educação de iniciativa popular é de suma importância, pois, para Wanderley (1984), ela estimula a participação política, cidadã, das classes populares para a superação de condições sociais opressivas, e, portanto é premente a necessidade de pesquisas, atividades de extensão e reflexões que deem suporte para essa modalidade da educação, visando traçar estratégias pedagógicas que contemple essas especificidades.

DESENVOLVIMENTO

A partir das perspectivas mencionadas, socializamos aqui, as experiências das pesquisas feitas por intermédio do Projeto de Extensão “A formação de alfabetizadores(as) de jovens e adultos da zona rural de Imperatriz-MA: Projeto Comunidade Viva Deus” da Universidade Federal do Maranhão, na qual nos dá embasamento para desenvolvimento do presente trabalho, onde nos pautaremos nos estudos de Paulo Freire, com a “Pedagogia do Oprimido” (1987) e “Educação como Prática de Liberdade” (2009), através dos encontros semanais do grupo de ensino, pesquisa e extensão em educação e epistemologia, GEPEEE, logo, o referido projeto de pesquisa partiu para a extensão, vinda da demanda social do quadro de analfabetismo da região, em que fomos procurados pela Comunidade Viva Deus.

A Comunidade Viva Deus está localizada na estrada do arroz a 45 quilômetros da cidade de Imperatriz-ma, aproximando-se da cidade de Cidelândia-MA. A comunidade está formada há 15 anos por trabalhadores reunidos sob a forma de uma associação de produtores rurais, onde tal associação figura numa realidade que busca dar suporte para a luta dos moradores por “um pedaço de terra”, para bem viver e trabalhar.



Vale destacar que as famílias não recebem nenhuma ajuda do governo e nem são, efetivamente, incluídos em políticas públicas de reforma agrária, o que já nos remete ao processo de exclusão a que são submetidos desde quando (2002) resolveram acampar as margens da rodovia até hoje. Ao chegarmos, assumindo o trabalho educativo na comunidade, era claro perceber que as famílias já estavam beirando a exaustão de tanto esperar por algo, que cada vez, só se tornava mais dificultoso, seja pela falta da falta de amparo do governo federal, seja pelo fato de não estarem articulados com outros movimentos, como por exemplo: o Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, o MST. Além disso, sofrem ataques por parte de uma empresa local que constantemente ameaça os moradores de expropriação para poderem utilizar a terra, sem nenhum fundamento legal, articulando-se até mesmo com o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrário, o INCRA, por meio da imposição de burocratizações aos moradores para serem assentados, visto que legalmente, eles estão sob a condição de acampados.

Nesse contexto, as problemáticas investigadas no presente trabalho partem de experiências desenvolvidas a partir das questões supracitadas, que encontram suporte nos princípios da metodologia freireana, na qual representa um dos principais procedimentos metodológicos que dá suporte para a Educação do Campo e que foi pensada para a emancipação da classe trabalhadora. Nesse sentido, para Molina e Abreu (2011), a educação do campo tem sua origem no processo de luta dos movimentos sociais para resistirem à expropriação de terras e vincula-se à construção de um modelo de desenvolvimento rural que priorize os diversos sujeitos sociais do campo como protagonistas do seu próprio destino.

Em função desse intrínseco vínculo entre emancipação humana da classe trabalhadora e educação, nos utilizamos de uma metodologia de ensino freireana denominada círculo de cultura, a qual é uma ferramenta que ajuda a desenvolver não só o mundo da leitura do aluno, mas também instiga o pensamento crítico dentro do contexto do próprio sujeito que habita o campo. É no círculo de cultura que pensamos coletivamente, estratégias de socialização para analisarmos as lutas cotidianas dos sujeitos do campo, que em sua maioria, vinculam-se a relações de trabalho.

Nesse sentido, com base no ciclo de cultura e também na situação-problema-desafio mais premente o processo de formação de alfabetizadores (as), também utiliza



Como instrumento a produção do texto coletivo que funciona como material didático

para a própria formação dos sujeitos em processo formativo, mas também para os que serão alfabetizados pela própria comunidade após no processo de desenvolvimento “Projeto”.

Nosso modo de trabalho, desenvolvido por meio da metodologia supracitada, relaciona-se às mais diversas questões pertinentes ao universo dos sujeitos, na qual realiza a divisão de dois grupos para podermos contemplar a todos os estudantes, uma vez que possuem diferentes ritmos de aprendizagem: alguns já são alfabetizados e outros não. Desse modo, por meio deste, objetiva-se refletir acerca das questões pertinentes ao grupo dos sujeitos já alfabetizados, focando na principal questão que dimensiona o nosso trabalho: a politização em Freire, voltada para a emancipação humana, pois, Freire (1987) assinala que politizar significa ensinar a ler o mundo antes da leitura da palavra.

A roda de discussão dos indivíduos alfabetizados, apesar de estarem numa outra dimensão da aprendizagem, apresenta uma série de carências na leitura e da escrita que precisam ser postas em práticas. A partir disso, são trabalhadas leituras de textos de Paulo Freire, do livro Educação como Prática de Liberdade (2009), a fim de atribuir fundamentação para as nossas discussões. O livro citado nos propiciou dez situações existenciais para serem trabalhadas em grupos, focando no conceito central de cultura, que sugere questionamentos e pontos de vista dos estudantes pensados a partir da leitura imagética da situação existencial.

Por meio da metodologia dialógica, proposta pelo círculo de cultura, no qual estamos inseridos, buscamos estabelecer conexões entre as situações propostas por Freire, com base nas seguintes temáticas: ciência, tecnologia, cultura, modos de vida, intervenção antrópica em ambientes naturais, capitalismo, consciência ambiental, modos de produção, educação popular, cultura letrada e iletrada, cidadania, responsabilidade social, e acima de tudo, politização.

Sobre politização, nas palavras de Freire:

Só assim a alfabetização cobra sentido, nos leva a reflexão sobre que o homem começa a fazer sobre sua própria capacidade de refletir. Sobre sua posição no mundo. Sobre o mundo mesmo. Sobre seu trabalho. Sobre seu poder de transformar o mundo. Sobre o encontro das consciências. Reflexão sobre a própria alfabetização, que deixa assim de ser algo externo ao homem,



para ser dele mesmo. Para sair de dentro de si, em relação com o mundo, como uma criação (FREIRE, 1997, p.149).

Também para Gadotti (1997), nosso diálogo nunca se restringe a uma só temática, pois o conhecimento não pode se dar de modo fragmentado, pois tudo está inter-relacionado, e nós, enquanto projeto, percebemos que os nossos educandos compreendem e concebem essa questão, percebendo que as discussões estão cada vez mais amplas e os sujeitos já conseguem estabelecer uma conexão entre capitalismo e modos de vida, por exemplo. Eis a nossa concepção de currículo, pois não se pode entender a metodologia freireana voltada para a emancipação humana, sem entender que as coisas devem ser vistas a partir da perspectiva da totalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAS

Diante das perspectivas mencionadas, compreendemos que a educação, e principalmente a alfabetização de jovens e adultos, não pode se restringir somente à codificação e decodificação dos signos linguísticos, mas deve ter um compromisso com a qualidade do ensino, qualidade essa que implica que esse ensino estar voltado para fins de emancipação humana. Nós, enquanto um grupo de pesquisa e extensão que atua numa Comunidade que luta em prol da terra, buscamos romper com qualquer paradigma tradicional que os impeça de avançar enquanto sujeitos emancipados e protagonistas da própria vida. Isso implica em reelaborarmos o saber de modo que a aprendizagem seja feita com base no próprio universo vocabular dos sujeitos, proposta essa que Freire fez quando percebeu que o conteúdo dos materiais didáticos vindos de fora das comunidades eram programaticamente ideológicos e prejudiciais para a emancipação do sujeito que está sendo educado.

É possível notar que os resultados, desde o início do desenvolvimento do projeto, se dá através do avanço nas discussões por parte dos educandos, onde é claro perceber que uma série de questões foram desmistificadas, e hoje os sujeitos possuem outras concepções. A educação tradicional, influenciadora até mesmo da educação popular, tem figurado como uma espécie de instrumento domesticador, através de conteúdos e representações ideológicas que alienam o sujeito, fazendo-o entender que para ter sucesso na vida basta saber ler, escrever e ter um bom emprego.

Para alfabetizar e politizar o adulto, é necessário desenraizá-los dessas concepções, e nós fazemos isso por meio da metodologia freireana: a politicidade e a



Dialogicidade do ato educativo, explorando todas as fases do método que consiste no estudo dos modos de vida da comunidade, na busca da superação de visões ingênuas para uma visão crítica, e por fim, a criação de situações existenciais que os possibilite ampliar suas perspectivas para a análise de problemas vividos por eles para poderem pensar uma possível solução.

A fim de atingir o nosso principal objetivo, o de politizar, nada aqui é feito em vão. Uma simples rememoração de histórias de vida que eles consideram que foram determinantes para defini-los hoje, é instigada por nós, para que eles possam pensar a importância do próprio ato de voltar a estudar, diante de um histórico marcado por descontinuidades. Desse modo, para Soares (2009), a chave para a libertação do povo estava na consciência histórica de sua cultura, que não pode negar o passado, já que a história humana é feita de integração e recuperação de valores. Somente de posse desta consciência, com voz e capacidade de participar "integradamente", com a elite, do destino da sociedade, o povo tiraria do outro - do dominante - a responsabilidade exclusiva de ditar os destinos da vida política e cultural da nação.

REFERENCIAS

FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

GADOTTI, Moacir. Lições de Freire. Rev. Fac. Educ. vol. 23 n.1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

MOLINA, Monica Castagna e ABREU, Helena Celia de. Avanços e desafios na e da educação do campo, Em aberto. Brasília, v.24, n. 85, abr., 2011, p. 17-31.

SOARES, P. S. G. . Alfabetização e politização: as contradições no ato de educar. In: Congresso de Leitura do Brasil, 2009, Campinas. Anais do Congresso de Leitura do Brasil. Campinas: ALB, 2009. p. 77-77.